

A VARIAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL DE 3ª PESSOA EM GÊNEROS ESCRITOS

THE VARIATION OF THIRD-PERSON PRONOMINAL SUBJECT IN WRITTEN GENRES

Vinícius Afonso Catazano de Sousa¹

Leila Maria Tesch²

RESUMO: Neste artigo, propomos a análise da variação da expressão do sujeito de terceira pessoa em textos escritos, considerando sobretudo o gênero textual como potencial restritor da alternância entre as formas variantes preenchimento por pronome *vs* expressão nula. Adotando os pressupostos do variacionismo, observamos que o gênero é, de fato, um condicionamento importante: o relato de viagem publicado em blog foi aquele que, confrontado com os do domínio jornalístico (artigo, carta de leitor e crônica), mais favoreceu o preenchimento pronominal. Além disso, entre os gêneros jornalísticos, a crônica foi o maior favorecedor do pronome, refletindo que os diferentes graus de envolvimento discursivo e de aproximação com a oralidade de cada gênero influenciam nas escolhas linguísticas dos falantes. Nossa análise, também, reitera a literatura disponível sobre a expressão do sujeito, reconhecendo a força de fatores de natureza linguístico-discursiva, como a ambiguidade e a conexão do discurso, nas ocorrências desse fenômeno. Concluimos, então, que mesmo o suposto conservadorismo da modalidade escrita é suscetível a influências no âmbito da língua e da sociedade.

Palavras-chave: Sujeito pronominal. Terceira pessoa. Gêneros escritos. Sociolinguística. Variação linguística.

ABSTRACT: In this article, we propose an analysis of the variation in the expression of the third-person subject in written texts, considering primarily the textual-discursive genre as a potentially restricted alternation between variant forms filled by pronouns versus null expressions. Adopting the assumptions of variationism, we observe that genre is, in fact, an important conditioning factor: the travelogue published on a blog was the one that, compared to the journalistic domain (article, letter to the editor, and chronicle), most favored pronominal filling. Furthermore, among journalistic genres, the chronicle was the most favorable to the use of pronouns, reflecting that the different degrees of discursive involvement and approximation to orality of each genre influence the linguistic choices of speakers. Our analysis also reiterates the available literature on the expression of the subject, confirming the strength of linguistic-discursive factors, such as ambiguity and discourse connection, in the occurrences of these characteristics. We conclude, therefore, that even the supposed conservatism of the written modality is susceptible to influences within the realm of language and society.

Keywords: Pronominal subject. Third person. Written genres. Sociolinguistics. Linguistic variation.

¹ Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. Professor da Rede Pública Municipal de Ensino de Vila Velha/ES (SEMED/PMVV). viniciusafonso@hotmail.com

² Professora do Departamento de Línguas Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. leilatesch@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo focaliza a variação da expressão pronominal do sujeito de 3ª pessoa em gêneros da escrita, a saber: cartas de leitor, artigos de opinião, crônicas e relatos de viagem publicados em *blogs*. Controlando fatores como o gênero textual-discursivo, a ambiguidade, a ênfase e a conexão do discurso, buscamos discutir os traços funcionais das formas variantes presença e ausência do pronome sujeito.

Os gramáticos tradicionais, via de regra, registram o português como uma língua em que o sujeito pronominal deve ser evitado na superfície do enunciado. Segundo esses gramáticos, o português possuiria um quadro suficientemente esclarecedor de flexões verbais, as quais dariam conta de indicar a pessoa do discurso e seu número (singular ou plural). Entretanto, estudos variacionistas sobre o tema dão conta de um uso cada vez maior de pronomes sujeitos no português brasileiro, reconhecendo, também, uma série de fatores que levam a essa tendência.

Entre esses estudos, destacamos o de Paredes Silva (1988). Partindo de um viés funcionalista, a autora aponta para uma série de variáveis de ordem discursiva que interferem na escolha do falante pela omissão ou preenchimento do pronome. Paredes Silva (1988) verifica, por exemplo, a ênfase como uma condição forte para o preenchimento pronominal, com os contextos em que há realce ao que o sujeito faz ou pensa contribuindo para esse uso. A conexão do discurso, variável inaugurada pela linguista em sua tese, também é um fator determinante, havendo um aumento de pronomes expressos à medida que há um enfraquecimento da relação entre o sujeito e sua menção prévia.

Destacamos, também, o estudo de Duarte (1993), para quem a introdução de novas formas no quadro de pronomes revirou significativamente os paradigmas flexionais do português do Brasil, com a evolução de um sistema com seis formas distintivas para quatro. Duarte (1993) verifica que a gramaticalização de *a gente* e *você* resultou num empobrecimento das flexões verbais, distanciando o português das línguas pró-drop³ e aproximando-o cada vez mais das línguas de sujeito obrigatório.

Por último, fazemos referência a Paredes Silva (2007), que constata o gênero textual-discursivo como uma forte restrição linguística à expressão do sujeito em retomadas anafóricas. A autora chama a atenção para o dado de que as retomadas por meio de pronome são muito mais numerosas na amostra de gêneros orais do que na de gêneros escritos, havendo, também, uma diferença importante no que diz respeito aos gêneros. Em sua pesquisa, as entrevistas sociolinguísticas exibiram um percentual em torno de 50% de pronomes sujeitos expressos, ao passo que as cartas, as crônicas, as notícias e os artigos de opinião apresentaram taxas em torno de 30%, 15%, 20% e 10%, respectivamente. Paredes Silva (2007) conclui, então, que a alternância entre pronome e anáfora zero “não é meramente uma questão

³ Abreviação do inglês *pronoun-dropping*, ou “queda do pronome”.

de fala *vs* escrita, mas que o gênero do discurso e o tipo de texto têm peso substancial nessa escolha” (Paredes Silva, 2007, p. 174).

Desse modo, investigamos a variação do sujeito pronominal de 3ª pessoa em diferentes gêneros textuais-discursivos da escrita, tomando-os como fator condicionante importante para análise, além das outras variáveis mencionadas no início desta seção. Os gêneros analisados são artigos de opinião, cartas de leitor e crônicas extraídos de dois jornais capixabas: *A Gazeta* e *A Tribuna*. Além disso, analisamos também relatos de viagem publicados nos *blogs Capricho e Um par de sapatos*, colhidos entre dezembro de 2015 e julho de 2018.

Vale destacar que a variação do sujeito pronominal pode ocorrer de duas formas – *ausência do pronome sujeito*⁴ (exemplo 01) e *presença do pronome sujeito*⁵ (exemplo 02).

(01) Não fosse isso, o pibinho acumulado em 12 meses, terminados em junho, seria menor do que 1,2%. Mas *[Ø]* poderia ser maior, se o Imposto de Renda Pessoa Física não sugasse expressiva fatia da remuneração da classe média. A defasagem na correção da tabela do Imposto de Renda atinge, em média, 34,17% no período de 1998 a 2011, aponta pesquisa feita pela Ernst&Young Terco. (Artigo de opinião, *A Gazeta*, 04/09/2012)

(02) Noutros círculos, porém, dizia-se ser os partidos e os políticos todos farinha do mesmo saco, a famosa noite em que todos os gatos são pardos de Hegel. O mensalão existiu? Para o PT ele foi uma invenção orquestrada pela mídia com apoio dos setores conservadores da sociedade brasileira. Logo, *ele* funcionaria como uma contra representação para anular o carisma de Lula em face do povo. (Artigo de opinião, *A Gazeta*, 26/09/2012)

Este artigo foi organizado da seguinte forma: (i) pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística; (ii) do Funcionalismo e do Sociofuncionalismo; (iii) a teoria dos gêneros textuais e o *continuum* dos gêneros; (iv) o *corpus* da pesquisa e os grupos de fatores; (v) a análise e discussão dos resultados da variação na expressão do sujeito pronominal de 3ª pessoa em gêneros escritos e (vi) considerações finais.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A proposta da Teoria da Variação e Mudança Linguística é relacionar as estruturas linguísticas ao componente social, tomando como pressuposto a língua como um sistema heterogêneo. Essa

⁴ Também chamado de sujeito nulo, sujeito não expresso ou sujeito não preenchido.

⁵ Também chamado de sujeito pleno, sujeito expresso ou sujeito preenchido.

perspectiva possui quatro conceitos fundamentais. O primeiro, *variedade*, diz respeito à norma característica de um determinado grupo, delimitado pela posição geográfica ou por fatores como sexo/gênero, faixa etária, profissão etc. O segundo, *variação*, refere-se à ocorrência de duas ou mais formas linguísticas que podem acontecer num mesmo contexto, apresentando o mesmo valor de verdade. O terceiro, *variável*, quando dependente, define o fenômeno linguístico que sofre a variação; quando independente, o conjunto de fatores que influenciam a variável dependente. O quarto, *variante*, são as formas individuais possíveis para um fenômeno variável. Nesse sentido, quando pensamos no conteúdo deste artigo, estamos diante da variável dependente expressão do sujeito pronominal, analisada a partir de duas formas variantes: a *presença do pronome sujeito* e a *ausência do pronome sujeito*. As variáveis independentes, aquelas que, por hipótese, condicionam a escolha das variantes, neste estudo analisadas, são a *ambiguidade*, a *ênfase*, a *conexão do discurso* e o *gênero textual-discursivo*.

Nesse sentido, consideramos ingênua a ideia de que os usos da língua ocorrem de maneira aleatória. Ao contrário, a variação é sistemática, e suas regras podem ser extraídas da estrutura da própria língua e do contexto imediato da situação comunicativa. Isso quer dizer, por exemplo, que, diante de um fenômeno como a expressão do sujeito, o falante não alterna as formas presentes e ausentes por obra do acaso. Na verdade, essa escolha está subordinada a fatores variáveis internos e externos à língua que levam à aplicação de uma ou outra forma, sendo tal escolha mais ou menos percebida pelo falante, a depender do nível de consciência social das categorias de estereótipos, marcadores ou indicadores dos fenômenos linguísticos⁶.

O material de análise nessa frente teórica é, primordialmente, o vernáculo, isto é, os usos linguísticos que uma comunidade de falantes faz em comunicações orais com o menor monitoramento possível, como um bate papo informal entre amigos. Entretanto, à medida que os estudos desse campo avançaram, os textos escritos passaram a ser reconhecidos como espaço importantíssimo de variação e mudança linguísticas, também. Hoje, portanto, “a pesquisa sociolinguística analisa a língua inserida no contexto social também a partir de narrativas formais, de gêneros escritos diversos” (Scherre; Naro, 2010, p. 149).

A Sociolinguística tem como objetivo, então, entender a relevância de fatores linguísticos e sociais nas escolhas dos falantes, debatendo, também, sobre preconceito linguístico, estereótipo,

⁶ Segundo Labov (2008 [1972]), os estereótipos, marcadores e indicadores correspondem a diferentes níveis de consciência social associados às variantes linguísticas. Os *estereótipos* são formas linguísticas altamente conscientes para os falantes, frequentemente comentadas e avaliadas socialmente, podendo ser alvo de correção ou estigmatização. Os *marcadores* também são socialmente perceptíveis, mas sua avaliação ocorre de modo mais sutil: variam sistematicamente de acordo com fatores estilísticos e sociais, ainda que os falantes nem sempre consigam descrevê-los explicitamente. Já os *indicadores* operam em um nível inconsciente da variação: são correlacionados a fatores sociais (como classe ou região), mas não despertam consciência nem juízo de valor entre os falantes.

noções de “certo” e “errado”, uma vez que mesmo estruturas pequenas da língua, como a presença ou a ausência do pronome sujeito, podem carregar uma forte identidade local ou um estigma que promove exclusão social.

Desse modo, o pesquisador em Sociolinguística tem como função atentar-se à língua na sua manifestação real. Os falantes, a cultura e as identidades são a força motora dos processos de variação e mudança, e é sobre eles que o interesse da Sociolinguística recai: as pessoas são atravessadas pela língua que falam da mesma forma que a língua é atravessada pelas pessoas. E é essa interface que interessa ao sociolinguista.

O FUNCIONALISMO E O SOCIOFUNCIONALISMO

O Funcionalismo surge como um contraponto aos postulados do Estruturalismo e do Gerativismo, correntes de cunho formal que predominaram nos estudos linguísticos até os anos 1960. Se a situação comunicativa e os aspectos socioculturais eram preteridos nas análises linguísticas de então, esses passam a ser o foco das explicações para os fatos gramaticais.

Halliday (1994), um dos precursores do Funcionalismo, defende a ideia de que os enunciados são o produto da relação entre os falantes com o mundo e com a própria língua. Aqui, a noção de função é capital, significando o papel discursivo que as produções linguísticas desempenham na comunicação. Nesse sentido, as formas linguísticas são observadas a partir das motivações externas que levam à sua realização. Assim, para o funcionalismo, os fatos da língua não acontecem por acaso, mas, sim, pelas necessidades dos falantes na interação.

Essa frente teórica observa a gramática como um conjunto de regras não estanques, mas emergentes pelo uso. É nesse ponto que converge com a Sociolinguística, pois são os processos de variação e mudança (objetos da Teoria da Variação e Mudança Linguística) que implementam essas regras.

Conhecida pela alcunha “Sociofuncionalismo”, a interface entre essas duas abordagens (a variacionista e a funcionalista) analisa os dados linguísticos em situações reais de comunicação, considerando elementos como os interlocutores envolvidos, os objetivos e o contexto da interação verbal. De acordo com Cezario *et al.* (2016), as pesquisas no âmbito do sociofuncionalismo visam, além do controle de variáveis tradicionalmente investigadas pelo variacionismo, ao controle também de aspectos funcionais como a informatividade, os planos discursivos e a iconicidade, buscando ampliar o conhecimento sobre os fenômenos de variação e mudança.

A pesquisa que apresentamos neste artigo tem um viés sociofuncional na medida em que incorpora ao método quantitativo da Sociolinguística Laboviana as propriedades discursivas das formas

variantes em jogo. Desse modo, observamos a frequência das formas variantes pelas funções que elas desempenham nos contextos em que ocorrem, considerando o contexto discursivo como um influenciador potencial de tais ocorrências.

A TEORIA DOS GÊNEROS E O CONTINUUM DE GÊNEROS TEXTUAIS

O estudo dos gêneros remonta à Antiguidade greco-romana, quando se baseava na classificação dos textos literários a partir de alguns aspectos temáticos e estruturais comuns. É apenas com Bakhtin (2003), no século XX, que o conceito de gênero é estendido para os estudos linguísticos, pois, segundo a concepção bakhtiniana, não haveria uso da língua que não passasse necessariamente por um gênero do discurso.

Para Bakhtin, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciado, isto é, são um agrupamento de textos (orais ou escritos) que apresentam um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo mais ou menos constantes. Esses três elementos básicos, que configuram um gênero, são o resultado das condições socioculturais de produção dos enunciados, mais precisamente das esferas da atividade humana. Em outras palavras, na perspectiva de Bakhtin, os gêneros são a materialização linguística das ações do homem e reproduzem o contexto em que ocorrem.

Bakhtin aponta para a existência de gêneros primários e gêneros secundários. Os primários são os gêneros que ocorrem em situações de comunicação mais simples, espontânea, dispensando maior elaboração linguística, sendo um exemplo de gênero primário a carta pessoal. Os secundários, por sua vez, emergem em situações comunicativas mais complexas e, normalmente, envolvem um convívio cultural mais sistemático, como é o caso de um texto dramático, por exemplo. Saliente-se que essa distinção não é equivalente à divisão fala/escrita, pois é plenamente possível a existência de gêneros orais secundários, como a conferência e o seminário, e gêneros escritos primários, como as correspondências informais e os bilhetes.

Além de Bakhtin, Swales (1990) é outro autor amplamente reportado quando se trata da discussão de gênero. Para ele, os gêneros são eventos comunicativos e abrangem o discurso, os interlocutores, o papel do discurso e o ambiente de sua produção e recepção. Nessa esteira, os objetivos ou propósitos comunicativos são o principal critério que constitui um gênero. De acordo com Swales (1990), esses propósitos são compartilhados e socialmente estabelecidos, sendo um conjunto de intencionalidades públicas e comuns.

Desse entendimento, surge a noção de comunidade discursiva: o agrupamento de falantes que se unem para atingir e manter seus propósitos comunicativos. Para tanto, esses falantes criam estruturas retóricas regulares, os gêneros do discurso. Aranha (1996, p. 21) afirma que

[...] o gênero se estabelece dentro de uma comunidade discursiva e ela se torna responsável por ele. Poderíamos sugerir que existe um processo de autoalimentação: a comunidade discursiva desenvolve determinados gêneros e a existência de gêneros específicos configura grupos sociais como comunidades discursivas por compartilharem propósitos comunicativos efetivados através dos gêneros pertinentes a ela.

Swales (1990), ao estudar um corpus de artigos científicos, elabora um modelo teórico-metodológico de análise dos gêneros conhecido como CARS (*Create A Research Space*), focalizando a regularidade na estrutura esquemática dos gêneros, isto é, a estabilidade de seus aspectos formais. Com esse método, o autor percebe que os gêneros possuem uma organização previsível, uma rotina estruturada, com cada movimento retórico intimamente relacionado a funções e objetivos orientados. Assim, “para reconhecer que os gêneros constituem um sistema de realização de propósitos sociais por meios verbais é que esse reconhecimento conduz a uma análise da estrutura do discurso” (Swales, 1990, p. 41, tradução nossa).

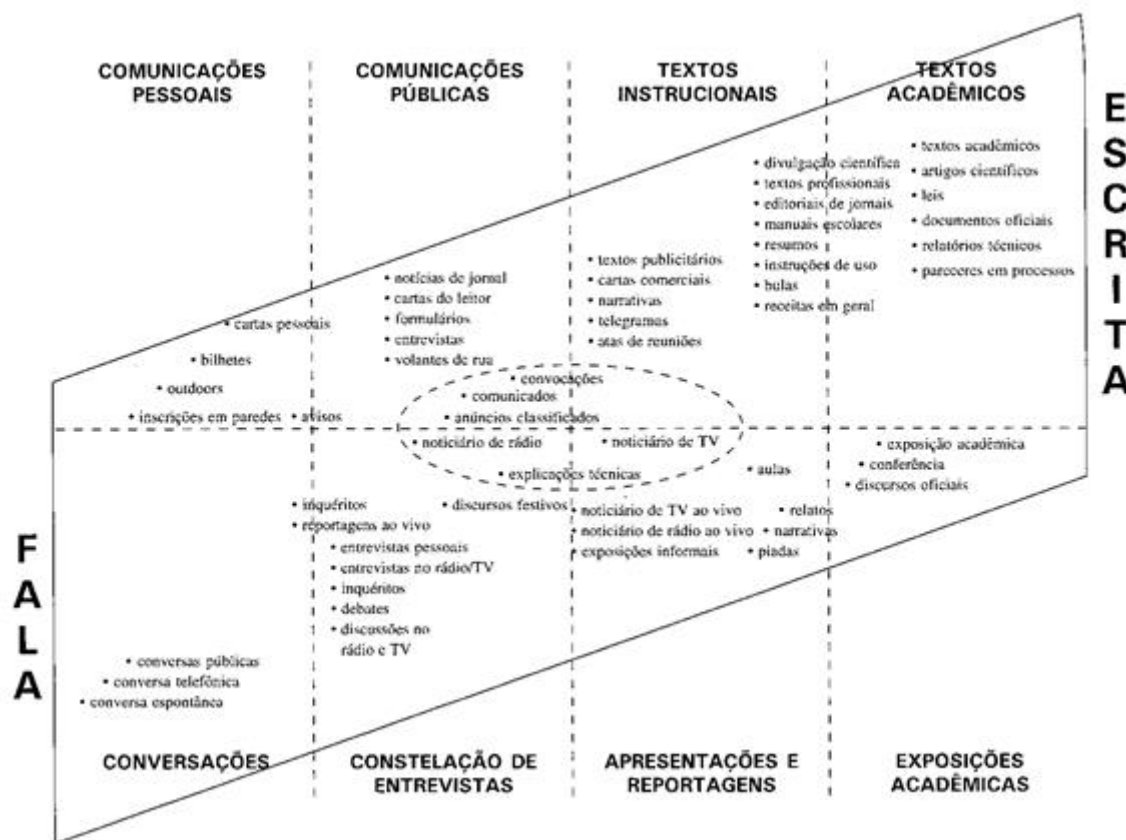
Por tudo isso, Swales (1990) entende que os gêneros são um condicionamento importante dos usos linguísticos e de como “cada variável pode ser combinada em termos de domínio, teor e modo numa determinada sociedade” (Swales, 1990, p. 40, tradução nossa). Dessa maneira, “um gênero faz mais do que especificar tipos de códigos existentes em um grupo de textos relacionados, ele especifica as condições para iniciar, continuar e terminar um texto” (Couture, 1986, p. 82, apud Swales, 1990, p. 41).

Da exposição acima, depreende-se que Bakhtin e Swales têm olhares diferentes para a questão do gênero. Bakhtin apresenta uma visão mais discursiva e busca situar o gênero nas esferas da atividade humana, com todas as implicações sociais, culturais, históricas e ideológicas dessa postura. Já Swales concentra sua abordagem nos aspectos textuais, materiais dos gêneros. Entretanto, os dois autores convergem ao reconhecer os gêneros como reflexo de condições específicas das situações comunicativas e restritores dos usos das formas linguísticas.

Já para Marcuschi (2008), as duas visões (discursiva e a textual) são complementares, pois “a distinção entre texto e discurso é hoje cada vez mais complexa, já que em certos casos são vistas até como intercambiáveis” (Marcuschi, 2008, p. 58). Esse autor propõe, então, olhar para os gêneros como fenômenos situados em contextos sócio-históricos e, também, como a materialização linguística desses contextos.

Além disso, para Marcuschi (2010), é falsa a ideia de que fala e escrita se opõem em dois polos opostos, a primeira tomada como o lugar da variação e a segunda, da uniformidade. Conforme esse autor, as diferenças entre essas duas modalidades “se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual” (Marcuschi, 2010, p. 37). A título de ilustração, Marcuschi (2010) apresenta o seguinte gráfico:

Figura 1 - Continuum de gêneros de Marcuschi (2010)



Fonte: Marcuschi (2010, p. 41)

Com a ilustração do continuum de gêneros, Marcuschi (2010) argumenta que não existe dicotomia entre fala e escrita, uma vez que mesmo escritos, alguns gêneros estão mais próximos da oralidade, como a carta pessoal, considerando aspectos como o nível de linguagem empregado e a natureza da relação entre os interlocutores. O contrário também acontece: alguns gêneros orais aproximam-se mais da escrita prototípica do que da fala, apresentando elevado grau de elaboração linguística, como, por exemplo, a exposição acadêmica.

Em nosso estudo, a hipótese é de que os relatos serão favorecedores da expressão pronominal não apenas por serem narrativas mais subjetivas, mas também por se acharem em blogs, ambiente em que prevalece um uso mais informal da língua. No que se refere aos gêneros do domínio jornalístico, a hipótese é de que a crônica, em relação ao artigo de opinião e à carta de leitor, apresentará maior índice de pronomes expressos, por estar mais distante da escrita jornalística prototípica.

O *CORPUS* DA PESQUISA E OS GRUPOS DE FATORES

Os dados de nosso estudo são extraídos de cartas de leitor, artigos de opinião e crônicas de dois jornais capixabas, *A Gazeta* e *A Tribuna*. Os textos do primeiro jornal foram apanhados nas edições diárias do mês de setembro de 2012 e os de *A Tribuna*, nas edições do mês de julho de 2019. Além dos gêneros da esfera jornalística, os relatos de viagem publicados nos *blogs Capricho* e *Um par de sapatos*, colhidos entre dezembro de 2015 e julho de 2018, acrescentam ao estudo a análise ainda embrionária de textos de circulação digital. Apesar de se situarem em períodos diferentes, as amostras não constituem sincronias distintas, posto que o intervalo entre elas não chega a uma década, parâmetro normalmente utilizado nas pesquisas variacionistas de cunho diacrônico. Nesta pesquisa, foram analisados 54 artigos de opinião, 226 cartas de leitor, 14 crônicas e 11 relatos de viagem publicados em *blogs*, totalizando 305 textos.

No presente estudo, a análise da variação na expressão do sujeito pronominal fundamenta-se em um *corpus* composto por textos pertencentes a diferentes gêneros textuais, selecionados com o intuito de representar distintas situações de uso da língua escrita. Foram considerados o artigo de opinião, a carta de leitor, a crônica e o relato de viagem, gêneros que se diferenciam quanto ao grau de formalidade, à relação entre autor e leitor e ao propósito comunicativo. Essa diversidade permite observar como os fatores discursivos e situacionais influenciam a escolha e a realização do sujeito pronominal, refletindo diferentes níveis de monitoramento e de envolvimento do enunciador com o texto. A seguir, apresentam-se as principais características de cada gênero analisado, de modo a contextualizar as condições de produção que orientam o uso das variantes linguísticas.

O artigo de opinião é um gênero argumentativo em que o autor, denominado articulista, apresenta sua leitura pessoal sobre determinado fato ou tema de interesse público. Diferencia-se do editorial por expressar o ponto de vista individual do autor, e não o posicionamento institucional do veículo de imprensa. De caráter persuasivo, o artigo busca convencer o leitor por meio da exposição, defesa e justificação de uma tese, articulando argumentos e exemplos. Embora apresente estrutura flexível, mantém a presença de uma opinião e um fechamento conclusivo. É um gênero que requer do leitor postura crítica e capacidade de identificar o ponto de vista do autor, configurando-se como espaço de reflexão e debate social (Costa, 2018).

A carta de leitor é um gênero opinativo e interativo que permite ao público manifestar-se em relação a matérias ou temas divulgados pela mídia impressa. Trata-se de uma carta aberta, publicada em seção específica de jornais ou revistas, por meio da qual o leitor elogia, critica, reclama ou solicita

atenção para determinado assunto. Por seu caráter público, cumpre função social relevante ao promover o diálogo entre o veículo de comunicação e seus leitores. Normalmente curta e redigida em linguagem formal, a carta de leitor expressa o ponto de vista de um cidadão comum diante de questões de interesse coletivo, constituindo-se, portanto, em um espaço de participação social e exercício da cidadania (Passos, 2003; Almeida; Cavalcanti, 2019).

A crônica é um gênero híbrido, situado na intersecção entre o jornalismo e a literatura. De origem histórica vinculada aos relatos de fatos da nobreza, consolidou-se no século XIX como um espaço de reflexão leve e bem-humorada sobre o cotidiano, os costumes e a vida social. Geralmente publicada em jornais, a crônica apresenta estilo subjetivo, linguagem simples e tom coloquial, estabelecendo uma relação de proximidade entre cronista e leitor. Sem estrutura fixa, pode ser predominantemente narrativa ou argumentativa, explorando temas variados — culturais, políticos ou sociais — com liberdade estilística e sensibilidade artística. Por isso, funciona como uma pausa amena no discurso mais formal da imprensa, valorizando o olhar individual e cotidiano do cronista (Costa, 2018).

O relato é um gênero pertencente à ordem do relatar, caracterizado pela narração de experiências vividas, geralmente em tom testemunhal. Em suas diversas modalidades — como relatos de prática, de experiência ou de viagem — apresenta estrutura flexível, podendo combinar introdução, desenvolvimento e conclusões, conforme o contexto comunicativo. O relato de viagem, especificamente, centra-se na experiência itinerante de seu autor, que busca compartilhar impressões pessoais sobre lugares, pessoas e situações, com o intuito de envolver o leitor emocionalmente. Quando publicado em *blogs*, assume linguagem mais espontânea e próxima da oralidade, com traços de coloquialismo, adjetivação expressiva e uso de recursos avaliativos. Assim, constitui-se como texto de natureza subjetiva e relacional, que valoriza a vivência individual e o vínculo com o leitor (Costa, 2018; Rocha; Lousada, 2012).

No que se refere aos gêneros considerados neste estudo, parte-se da hipótese de que o relato de viagem apresentará maior frequência de realização explícita do sujeito pronominal. Tal comportamento é esperado não apenas em razão do caráter altamente subjetivo e experiencial desse gênero narrativo, mas também pelo fato de circular em blogs, suportes marcados por um uso mais espontâneo e informal da língua. Quanto aos gêneros pertencentes à esfera jornalística, supõe-se que a crônica exibirá índices mais elevados de preenchimento pronominal do que a carta de leitor e o artigo de opinião, por se aproximar menos da escrita jornalística prototípica e permitir maior expressão de subjetividade. Assim, espera-se observar um aumento gradativo no uso de pronomes sujeitos, em termos percentuais e relativos, conforme a seguinte escala de formalidade:

Artigo de opinião → Carta de leitor → Crônica → Relato de viagem publicado em blog

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL DE 3ª PESSOA EM GÊNEROS ESCRITOS

Inicialmente, justificamos o recorte de apresentar apenas os resultados referentes à terceira pessoa, reforçando a pertinência de se analisar a expressão do sujeito pronominal de forma independente em cada pessoa do discurso. Conforme argumenta Paredes Silva (1988), embora a alternância entre sujeito explícito e sujeito zero ocorra em todas as pessoas gramaticais, os condicionamentos que regem essa variação não se distribuem de modo uniforme. A autora ressalta que, na terceira pessoa, a variação envolve não apenas a oposição entre presença e ausência de pronome, mas também a possibilidade de realização por sintagma nominal, o que a diferencia estrutural e funcionalmente das demais. Além disso, por estar fora do eixo interacional eu-tu, a terceira pessoa é concebida como a “não-pessoa”, isto é, como a instância discursiva ausente do diálogo direto. Estudos (Nunes, 2000; Genuíno, 2017; Massariol, 2018; Sousa, 2018) corroboram essa perspectiva ao demonstrarem que os fatores condicionadores incidem de forma distinta conforme a pessoa gramatical. Dessa forma, considera-se que o fenômeno da expressão do sujeito pronominal deve ser investigado separadamente em cada pessoa do discurso, respeitando suas especificidades estruturais e discursivas.

Diante da escolha por apresentar neste artigo o recorte da terceira pessoa, apresenta-se a modelagem estatística referente à expressão do sujeito pronominal na terceira pessoa, com o objetivo de explicitar a ordem de codificação e de seleção dos grupos de fatores considerados pelo programa *GoldVarb X*⁷. Foram analisados como grupos de fatores⁸: o gênero textual, a ambiguidade, a ênfase e a conexão discursiva. Foram selecionados como significantes e nesta ordem os seguintes grupos: Conexão discursiva, ambiguidade e gênero textual. Apenas a ênfase⁹ não foi selecionada. A seguir, apresentamos cada um dos grupos de fatores selecionados, os resultados encontrados e a discussão para esse resultado.

A variável conexão do discurso, proposta por Paredes Silva (1988), deriva do fator tradicionalmente denominado mudança de referente, mas amplia seu escopo ao considerar não apenas

⁷ Esse *software* permite que visualizemos a distribuição geral de acordo com a frequência e os pesos relativos de cada fator em relação às variantes em jogo. Isso significa que o programa, além dos índices percentuais, fornece também resultados que demonstram as restrições linguísticas e extralinguísticas dos fenômenos estudados. O programa atua de modo a confrontar os grupos de fatores entre si, sinalizando aqueles que são estatisticamente significativos para a análise dos fenômenos linguísticos e descartando aqueles que não possuem tal relevância.

⁸ Grupo de fatores designa o conjunto de variáveis linguísticas ou extralinguísticas que podem exercer influência sobre a escolha entre formas variantes de um mesmo fenômeno. Cada grupo é composto por *fatores* específicos cuja atuação é testada estatisticamente em programas como o Goldvarb, a fim de se verificar o peso relativo de cada um na explicação da variação observada.

⁹ Com base em Paredes Silva (1988), codificamos a ênfase do seguinte modo: i) sujeitos diferentes para um mesmo item verbal; ii) oposição no espaço ou no tempo e iii) palavras ou construções que valorizam o papel do sujeito, como as sentenças clivadas (Sousa, 2023).

a identidade ou não do sujeito entre orações consecutivas, e sim o modo como essas orações se articulam na organização do texto. Segundo a autora, limitar-se à mudança de referente torna a análise “mecânica”, pois ignora aspectos discursivos como a continuidade temática, as transições sintáticas e temporais ou a introdução de comentários parentéticos. Assim, a conexão do discurso busca captar o grau de proximidade referencial e discursiva entre as orações, avaliando em que medida a coesão textual contribui para o preenchimento ou a omissão do sujeito pronominal.

Com base em Paredes Silva (1988), este estudo adota uma escala composta por cinco graus de conexão: Grau 1: ocorre quando o sujeito e o tempo e modo verbal permanecem inalterados, mantendo a máxima continuidade referencial; Grau 2: há leve quebra de conexão, marcada por mudança de tempo, modo e/ou aspecto verbal; Grau 3: há interferência de elementos de curta duração entre a menção em pauta do referente e sua menção prévia; Grau 4: o referente reaparece como sujeito após ter ocupado outra função sintática e Grau 5: caracteriza-se pela retomada do referente como sujeito após a presença de outros candidatos a essa função. Paredes Silva (1988) propõe ainda um grau 6, relativo à mudança de tópico discursivo, mas essa categoria não se aplica ao presente *corpus*, em que os textos mantêm, em geral, unidade temática.

Partindo dessa modelagem, a hipótese de trabalho é que haverá aumento progressivo da presença de pronomes sujeitos conforme a conexão discursiva se enfraquece. Assim, o grau 1, que representa a maior coesão referencial, tende a desfavorecer o preenchimento do sujeito, ao passo que o grau 5, que sinaliza menor continuidade entre as orações, tende a favorecê-lo.

Tabela 1 – Efeito da conexão discursiva sobre a expressão do sujeito pronominal de terceira pessoa em gêneros escritos

Grau de conexão	Peso relativo ¹⁰	Frequência
Grau 1	0,361	7,7% (27/350)
Grau 2	0,532	14,4% (13/90)
Grau 3	0,730	36,2% (21/58)
Grau 4	0,736	37% (37/100)
Grau 5	0,902	76,9% (10/13)
Range ¹¹ : 541	Total: 17,6% (108/611)	Significância: 0,001 Input: 0,127

Fonte: Sousa (2023, pág. 78).

¹⁰ O peso relativo é um valor numérico calculado pelo programa GoldVarb X que indica a probabilidade de determinado fator favorecer ou desfavorecer o uso de uma variante linguística. Esse valor varia de 0 a 1, sendo que valores acima de 0,5 apontam tendência de favorecimento da ocorrência da variante analisada, enquanto valores abaixo de 0,5 indicam inibição. Valores próximos a 0,5 sugerem neutralidade estatística, ou seja, ausência de influência relevante do fator sobre o fenômeno. A interpretação dos pesos relativos deve sempre considerar o conjunto dos resultados e o contexto linguístico e social em que a variação ocorre.

¹¹ O *range* é um valor gerado automaticamente pelo programa GoldVarb X e indica a amplitude de atuação de um grupo de fatores na escolha da variante. Ele é calculado a partir da diferença entre o maior e o menor peso relativo dentro de um mesmo grupo de fatores. Assim, quanto maior o *range*, maior é a influência desse grupo sobre a variação; valores baixos indicam que os fatores do grupo exercem pouca distinção na escolha da forma variável.

A conexão do discurso foi a variável de maior peso estatístico, confirmando que a estruturação tópica e a integração entre orações exercem papel central na variação do sujeito pronominal. Verifica-se que o percentual de preenchimento cresce à medida que aumenta o grau de independência discursiva: quanto menor a conexão entre as orações, maior a probabilidade de o sujeito ser lexicalmente expresso. Esse padrão já foi amplamente documentado na literatura (Tarallo, 1993; Duarte, 1995), que relaciona o apagamento do sujeito à coesão intraoracional.

Assim, nos graus mais altos de desconexão (4 e 5), há maior necessidade de retomada referencial explícita, o que explica o aumento expressivo do uso pronominal (37% e 76,9%, respectivamente). Esse comportamento revela que a coesão e o monitoramento textual são determinantes para o preenchimento do sujeito, o que se articula tanto com a organização informacional quanto com o estilo do gênero em que o enunciado ocorre.

A ambiguidade é um aspecto frequentemente relacionado à expressão do sujeito, pois a ausência do pronome pode gerar interpretações múltiplas quanto à pessoa gramatical. De modo geral, distingue-se entre ambiguidade morfológica, quando uma forma verbal é idêntica para mais de uma pessoa (por exemplo, *lia*, que pode se referir à 1ª ou à 3ª pessoa), e ambiguidade contextual, quando o verbo, mesmo não sendo morfológicamente ambíguo, apresenta mais de um possível referente no discurso. Assim, este grupo de fatores foi composto pelos seguintes subfatores: (a) verbos morfológicamente não ambíguos; (b) verbos morfológicamente ambíguos e (c) verbos contextualmente ambíguos, em que há mais de um candidato a sujeito¹². A hipótese que orienta este grupo de fatores é a de que haverá aumento gradual do preenchimento pronominal à medida que cresce o potencial de ambiguidade, ou seja, espera-se maior uso do pronome sujeito em contextos de maior ambiguidade morfológica e contextual.

Tabela 2 - Efeito da ambiguidade sobre a expressão do sujeito pronominal de terceira pessoa em gêneros textuais escritos

Ambiguidade	Peso relativo	Frequência
Contexto ambíguo	0,442	11,8% (59/500)
Contexto não ambíguo	0,725	40,8% (49/120)
Range: 283	Total: 17,4% (108/620)	Significância: 0,001 Input: 0,127

Fonte: Sousa (2023, p. 76).

A variável ambiguidade também se mostrou significativa na análise. Observa-se que o preenchimento pronominal foi consideravelmente maior em contextos não ambíguos (peso relativo 0,725) em contraste com os contextos ambíguos (0,442). Esse resultado pode parecer contraintuitivo à

¹² Na análise dos dados, (b) e (c) foram analisados conjuntamente.

primeira vista, já que a presença de ambiguidade tende, em princípio, a motivar o uso de pronomes para evitar interpretações errôneas. No entanto, no caso da terceira pessoa, a referência tende a estar fortemente ancorada no contexto discursivo anterior, o que reduz a necessidade de explicitação. Em contextos não ambíguos, o uso do pronome pode, ao contrário, assumir funções discursivas de ênfase, contraste ou continuidade tópica, atuando como recurso estilístico.

Esse comportamento confirma a importância de considerar a dimensão pragmático-discursiva da variação, já destacada em estudos como Duarte (1993) e Omena (1978), que apontam a correlação entre o preenchimento pronominal e a gestão da referência no discurso.

Em relação aos gêneros textuais aqui analisados, foram analisados quatro gêneros textuais: o artigo de opinião, a carta do leitor, a crônica e o relato de viagem publicado em blog. Esses gêneros se distribuem em diferentes esferas de circulação — jornalística e digital — e apresentam graus distintos de formalidade e de subjetividade. Partindo dessa diferença, nossa hipótese é a de que haverá maior expressão de pronomes sujeitos nos gêneros mais subjetivos e informais, como os relatos de viagem, e menor nos gêneros mais formais e alinhados à escrita jornalística prototípica, como o artigo de opinião. Assim, espera-se um aumento gradativo dos índices de preenchimento pronominal na seguinte ordem: artigo de opinião, carta do leitor, crônica e relato de viagem em blog.

Tabela 3 – Efeito do gênero textual-discursivo sobre a expressão do sujeito pronominal de terceira pessoa em gêneros textuais escritos

Gênero textual	Peso relativo ¹³	Frequência
Artigo de opinião	0,347	9,1% (19/209)
Carta de leitor	0,539	18,5% (46/249)
Crônica	0,607	22,1% (30/136)
Relato de viagem	0,785	50% (13/26)
Range: 438	Total: 17,4% 108/620	Significância: 0,001 Input: 0,127

Fonte: Sousa (2023, p. 76).

Os resultados confirmam parcialmente a hipótese inicial deste estudo. Conforme previsto, o relato de viagem apresentou a maior taxa de preenchimento pronominal (peso relativo de 0,785 – o mais alto), o que se explica pelo caráter subjetivo, narrativo e experiencial desse gênero, associado ao

¹³ O peso relativo é um valor numérico calculado pelo programa GoldVarb X que indica a probabilidade de determinado fator favorecer ou desfavorecer o uso de uma variante linguística. Esse valor varia de 0 a 1, sendo que valores acima de 0,5 apontam tendência de favorecimento da ocorrência da variante analisada, enquanto valores abaixo de 0,5 indicam inibição. Valores próximos a 0,5 sugerem neutralidade estatística, ou seja, ausência de influência relevante do fator sobre o fenômeno. A interpretação dos pesos relativos deve sempre considerar o conjunto dos resultados e o contexto linguístico e social em que a variação ocorre.

ambiente discursivo dos *blogs*, em que predominam traços de espontaneidade e proximidade comunicativa. Já os gêneros jornalísticos exibiram índices menores, em consonância com a tendência de maior monitoramento linguístico e de escrita mais formal.

Entre esses, a crônica destacou-se com peso relativo 0,607 de sujeitos expressos, valor superior ao da carta de leitor, 0,539, e ao do artigo de opinião (0,347). Esse resultado corrobora a ideia de que a crônica, embora veiculada na esfera jornalística, apresenta traços de subjetividade e informalidade típicos de textos literário-argumentativos (Costa, 2018). A carta de leitor, por sua vez, tende a um estilo intermediário: é produzida por não especialistas, mas dentro dos padrões normativos esperados pela imprensa. Já o artigo de opinião, gênero mais formal e institucionalizado, reflete a escrita mais monitorada e argumentativamente planejada, o que justifica o índice mais baixo de sujeitos pronominais.

Esses resultados sugerem que a variação no preenchimento do sujeito pronominal está fortemente associada ao grau de formalidade e de subjetividade dos gêneros, confirmando o gradiente previsto: *artigo de opinião* → *carta de leitor* → *crônica* → *relato de viagem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a expressão do sujeito pronominal em gêneros da escrita, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Partindo do princípio de que a variação linguística é sistemática e condicionada por fatores linguísticos e sociais, buscamos compreender de que modo o gênero textual interfere nas escolhas do falante-escritor quanto ao preenchimento ou não do pronome sujeito. Para tanto, utilizamos como instrumento estatístico o programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que permitiu verificar a significância dos fatores controlados e observar o comportamento das variantes em diferentes contextos de uso.

No recorte referente à terceira pessoa, os resultados indicaram que esse contexto gramatical é particularmente sensível ao efeito do gênero textual. Observou-se que, quanto maior a formalidade e o distanciamento da situação de enunciação, menor a tendência ao preenchimento pronominal. Assim, o artigo de opinião apresentou os menores índices de uso explícito do pronome sujeito, enquanto o relato de viagem em *blog* exibiu os maiores, reforçando a hipótese de que gêneros mais subjetivos e informais favorecem a realização pronominal. A carta do leitor e a crônica situaram-se em posições intermediárias, refletindo seus diferentes graus de envolvimento discursivo e de aproximação com a oralidade.

Do ponto de vista linguístico, verificou-se que fatores como ambiguidade e conexão do discurso também influenciaram o comportamento da terceira pessoa, contribuindo para a escolha entre sujeito expreso e sujeito nulo. Esses resultados sugerem que, mesmo em gêneros escritos, o uso da terceira pessoa é atravessado por motivações discursivas e pragmáticas, e não apenas sintáticas. Em termos mais amplos, a análise confirma que a escrita não é um domínio homogêneo e que o gênero textual atua como um condicionador decisivo na variação pronominal, revelando a permeabilidade da norma escrita a traços característicos da fala e da subjetividade do enunciador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M.; CAVALCANTI, R. J. S. Análise retórico-textual do gênero carta de leitor na esfera acadêmica. In: *Verbum*, v. 8, n. 1, p. 168-187, abr. 2019.

ARANHA, S. *A argumentação nas introduções de trabalhos da área de Química*. 1996. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – LAEL, PUC, São Paulo, 1996.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 414p.

CEZARIO *et al.* *Sociofuncionalismo*. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F (org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo, Editora Contexto, 2016.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Minas Gerais, Editora Autêntica, 2018.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1995.

GENUINO, W. R. A. *A expressão do sujeito pronominal no português falado em Vitória/ES*. Dissertação de Mestrado, UFES, Vitória, 2017.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASSARIOL, C. B. *A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX*. Dissertação de Mestrado, UFES, Vitória, 2018.

NUNES, V. F. L. *Preenchimento do sujeito pronominal na fala da comunidade de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa, 2000.

OMENA, N. P. de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1978.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

PAREDES SILVA, V. L. *Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita*. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-178, jun. 2007.

PASSOS, C. M. T. V. As cartas do leitor nas revistas Nova Escola e Educação. In: DIONÍSIO, Â. Paiva; BESERRA, N. da S. (orgs.) *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ROCHA, S. M.; LOUSADA, E. G. *Gêneros textuais e escrita criativa: Intersecções possíveis no ensino-aprendizagem do francês como língua estrangeira*. *Raído (Online)*, v. 6, p. 37-54, 2012.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *GoldVarb X* - a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em 08 de out. de 2022.

SCHERRE, M.; NARO, A. J. Perceptual vs. grammatical constraints and social factors in subject-verb agreement in Brazilian Portuguese. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, v. 16, n. 2, p. 165-171, 2010.

SOUSA, V. *A expressão do sujeito pronominal em textos escritos*. 2023. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

SWALES, J. M. *Genre Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].